



O HOMOEROTISMO E O CONTEXTO SOCIAL NO CONTO 'AQUELES DOIS' DE CAIO FERNANDO ABREU

Rosembergh da Silva Alves¹; Vilani Maria de Pádua²

¹*Discente do Curso de Graduação em Letras, Faculdade Frassinetti do Recife, rosemberghalves@bol.com.br*

²*Docente-Orientadora do Curso de Graduação em Letras, Faculdade Frassinetti do Recife, vivipadua@gmail.com*

RESUMO: Este trabalho é o resultado de uma pesquisa do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica - NUPIC, desenvolvida no curso de graduação em Letras da Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE, e busca aprofundar nos estudos sobre a obra de Caio Fernando Abreu, em especial, analisar o conto 'Aqueles dois', buscando o viés homoerótico e homoafetivo em outras obras do escritor. Nos dias atuais, o tema ganhou um pouco mais de projeção na esfera literária, como nas obras de Caio Fernando Abreu, que por muito tempo foram esquecidas pelos cânones acadêmicos, principalmente, por tratar de temas polêmicos e difíceis de serem abordados pela sociedade, como o homoerotismo. Por esta razão, a bibliografia escolhida na metodologia da pesquisa perpassa não apenas a teoria da literatura, mas também a cultura e a literatura gay contemporânea com base na teoria *queer*, que oferecem sustentação ao trabalho e são ferramentas fundamentais para entender a evolução da homossexualidade na literatura e seu contexto social. Também se faz necessário ressaltar o homoerotismo e a homoafetividade em obras e artigos de outros autores e o legado moderno e contemporâneo na produção literária brasileira, do qual faz parte o escritor gaúcho. O conto reflete também o contexto político pelo qual passava o país, momento de grande perseguição e desconfiança entre as pessoas, principalmente no ambiente de trabalho, devido à repressão e a ditadura militar.

Palavras-chave: Homoerotismo, Contexto social, Conto, Caio Fernando Abreu.

Introdução: As personagens homoeróticas aparecem com pouca frequência na literatura brasileira do século XIX e início do século XX. São alguns romances em que a temática da homossexualidade apresenta-se com clareza, porém, abordando de forma ainda tímida o amor homossexual e a homoafetividade. Na contemporaneidade as abordagens são mais poéticas e essa tendência de fazer emergir questões homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por

questões não de ordem estética, mas de ordem ética, moral, religiosa e cultural, configurando forte preconceito e discriminação a autores e obras que buscaram refletir o tema do amor entre iguais. Assim, no conto 'Aqueles dois', de Caio Fernando Abreu, o tema homoerotismo é tratado valendo-se de uma linguagem lírica, mais sugestiva do que descritiva, não utilizando do clichê da linguagem crua, ou a obviedade dos detalhes das cenas de sexo. O autor elegeu a homoafetividade como tema constante de



sua obra, no momento em que a repressão política no Brasil perdia forças e durante o surgimento da AIDS, doença vinculada, de início, à homossexualidade e suas personagens geralmente são sujeitos solitários que existem dentro da solidão urbana e vivem à procura da afirmação, principalmente social e também sexual (LIMA, 2007).

As expressões *literatura gay* ou *literatura homoerótica*, são na verdade, algo recente, fundamentou-se a partir do movimento de emancipação política da comunidade homossexual, que ocorreu no fim dos anos 60 (COSTA, 1992). Assim, entre os anos 1970 e 1980 houve um grande avanço no cenário das pesquisas e campos de estudos sobre a literatura homoerótica. Na Inglaterra surgiu com a expressão *Queer Studies*, e no Brasil foi chamada de Teoria *Queer*, que, entre outras relevâncias, submete a noção de orientação sexual a uma crítica profunda, que está na base do conceito de homossexualidade. A Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos no fim da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. A escolha do termo *queer* para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização que era

focada na sexualidade (MISKOLCI, 2009). Para Costa (1995), quando se fala de homossexualidade deve-se estar atento para o fato de que esta palavra não designa algo que sempre foi, é e será idêntica a si mesma, mas algo que é produto do vocábulo moral da modernidade. Segundo Foucault (2000), isto se deve ao preconceito e misticismo criado em torno da homossexualidade, pois, muitos homossexuais se concentravam na busca pelo ato em si. A escrita homoerótica é mais profunda em seu estudo do que a ênfase dada aos temas dos encontros sexuais entre homens, abrangendo também os pontos de contato diretos e indiretos entre a obra e as identidades das personagens, sejam elas homossexuais ou indivíduos em formação de gênero.

Essas diferentes vertentes do homoerotismo são visíveis e diferenciáveis analisando-se a identidade e a figuração homoerótica das personagens nos contos “Aqueles Dois”, “Os sobreviventes”, “Sargento Garcia” e “Terça-feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu, publicados na coletânea *Morangos mofados*, de 1982 (OLIVEIRA; COQUEIRO, 2012).

Estamos passando por um período em que as minorias emergem e buscam espaço na esfera literária. Assim, Caio Fernando Abreu é um dos autores que ganha espaço



e reconhecimento entre a crítica literária, suas obras passam a receber mais atenção e consideração, devido a suas temáticas e fino trato com a linguagem, discutindo a homossexualidade entre textos homoeróticos dentro de um contexto da literatura contemporânea que busca uma identidade homossexual positiva, vinda de uma elaboração de sensibilidades homoeróticas mais complexas, que ultrapassam a dimensão do gueto, não se preocupando em subverter ou transgredir as condutas sociais e a ordem vigente dentro de um contexto moral ou religioso. Na literatura *queer*, os indivíduos homoeróticos tendem a criar um espaço para si, um lugar estranho, *queer*, lugar este que possibilita que se relacionem entre si e possam coexistir livres das represálias, que aprisionam. Mas, ao se isolarem, perdem um pouco do seu poder nesta esfera, ficando à margem da sociedade. No entanto, identidade e homoerotismo se cruzam nas obras de Caio Fernando Abreu, eles coexistem e interdependem-se. O homoerotismo não é apenas um novo termo para o *gay*, mas sim um conceito que busca abranger as diferentes formas de relacionamento homossexual, independentemente das relações histórico-culturais, das identidades e funções específicas, de sexo ou de órgãos genitais. É um conceito livre de pré-

conceitos, dentro da crítica literária principalmente, pois não impõe modelos identitários às personagens. O fundamental na literatura homoerótica de Caio não é descrever as preferências dos sujeitos quanto aos objetos de atração sexual, é precisar ou sugerir quais os tipos de interações físicas, afetivas ou espirituais implicadas no processo da formação dessas identidades, independente de classificações das práticas sexuais.

Metodologia: A análise do conto foi realizada a partir de leituras da obra escolhida, apoiada nas teorias citadas e nos estudos já existentes sobre Caio Fernando Abreu e em outras obras que tratam da repressão aos homossexuais durante a ditadura militar. O conto está dividido em seis partes e tem como temáticas-chave o homoerotismo e a repressão social. É feito um desenho da sociedade, contrapondo os padrões de moral da época às ações dos sujeitos nela envolvidos; há um cenário de descentralização, situações fragmentadas e histórias que se cruzam e que formam um todo social.

Tentamos fazer uma leitura *queer* a partir dos elementos homoeróticos e do contexto social, mas, principalmente, das ações das personagens. Caio Fernando Abreu inicia o conto com uma provocação no subtítulo irônico: “História de aparente



mediocridade e repressão” e o título nos remete a seus personagens centrais, Raul e Saul, dois homens que viriam a sofrer pela mediocridade das pessoas e pela repressão social. O próprio título do conto nos leva a refletir sobre o distanciamento proposital das protagonistas em relação às outras personagens e vice-versa e a forma como eram vistos e conceituados pela sociedade, frente à estigmatização e aos estereótipos formulados. Raul e Saul não são tratados como esses ou simplesmente os dois rapazes e colegas de trabalho da repartição, mas sim, como ‘Aqueles dois’ rapazes que supostamente tinham um envolvimento homoerótico e homoafetivo. Neste caso fica a pergunta: será que negar a identidade *queer* seria preferível a suportar a pressão de uma sociedade repressiva e homofóbica?

Resultados e discussão: A narrativa em ‘Aqueles dois’ é madura, pois sintetiza e inter-relaciona como um todo, temas como iniciação, dúvida e o descobrimento do ser homossexual, o da homofobia individual e coletiva e o da superação perante a sociedade. O conto não trata da homossexualidade como um motivo pessoal ou uma bandeira coletiva a ser levantada, uma problemática ou uma questão a ser defendida pelo autor e pelos leitores simpatizantes. Isso não quer dizer, no entanto, que o conto e a temática

não tenham significados próprios. Na verdade, o que se narra nesse conto não é apenas a sexualidade das personagens, mas também seus desdobramentos, que interferem na caracterização delas mesmas, isto é, não se trata de definir sexualidades, mas de contar histórias de vida: descobertas, encontros e desencontros amorosos, afetivos, sensuais e eróticos entre humanos, com virtudes e defeitos, além de sentimentos contidos e reprimidos pelo conservadorismo social. Do confronto entre o homoerotismo da narrativa e o menosprezo social e homofóbico dirigido a estes indivíduos, surge na voz do narrador, uma atitude sociopolítica que legitima a abordagem dessa obra numa perspectiva da reconfiguração da identidade homossexual, já que o narrador é onipresente e onisciente na história do conto e em sua narrativa.

Segundo Nascimento (2014), ainda que a narrativa em ‘Aqueles dois’ se encerre de forma melancólica e discriminatória, deixando espaço para a predominância dos padrões do normativo heterossexual, os sujeitos que deveriam ser vitimizados buscam se materializar fora de padrões convencionais. No entanto, a opção da escrita de Caio em negar a reivindicação de um campo identitário, dentro do binarismo hetero/homossexual explícito, mostra como sua literatura desmonta, desorganiza



e dúvida da estrutura repressora sexual, preconceituosa e homofóbica discursivamente imposta pela sociedade.

Os protagonistas ao vivenciarem uma experiência afetiva (e não sexual) entre dois homens se veem diante desse binarismo hetero/homossexual. Eles poderiam assumir uma identidade taxada pela norma como homossexual e serem punidos. No entanto, eles não entendem o que está acontecendo neles mesmos e ignoram completamente a identidade marcada e imposta pela sociedade na invenção do ser homossexual, porém, ainda assim são expostos à violenta coerção social. No entanto, deixam acontecer naturalmente e corajosamente e enfrentam sorrindo a maldade do “deserto de almas também desertas”, reconhecendo-se e combinando-se gradativamente. “Acontece, porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las” (ABREU, 2005, p.132). O que eles refutam e acabam por negar é a falsa heterossexualidade anterior, um casamento e um noivado, fracassados e frustrados. “[...] Que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem?” (ABREU, 2005, p.133).

O conto começa quando eles já haviam saído da repartição e estavam juntos e misturados, antecipando e

confirmando o que viria a acontecer, uma aproximação homoafetiva lenta e gradativa, porém, que não culminou no envolvimento e no relacionamento homoerótico. Assim como deixa hiatos no texto, o autor também nos leva a uma dúvida no final do conto, pairando uma pergunta: a relação homoafetiva se concretizou após a demissão dos protagonistas? No entanto, o autor deixa pistas, observadas nos últimos parágrafos do conto. A repartição decerto continuou um “deserto de almas” que a partir de então seriam infelizes para sempre e Raul e Saul, mais altivos do que nunca, permaneceram parados em frente ao prédio por alguns instantes refazendo-se do susto da demissão, da perplexidade do assédio moral, da intolerância e da injustiça que haviam sofrido. Logo, pegaram o mesmo táxi e partiram juntos, quem sabe para vivenciarem com liberdade o que não havia sido concretizado de fato. Enquanto os protagonistas seguiam em um novo êxodo migratório, na forma de exílio social, juntos em direção ao que desconhecemos, a atitude deles foge dos padrões, pois, apesar da demissão foram bem sucedidos frente ao controle heterossexual sobre suas vidas, gerando um desconforto e uma reflexão coletiva nos próprios alçózes, fazendo-os



repensarem sua atitude. Se em um primeiro momento o grupo, através do chefe não hesitou em punir a dupla através das cartas anônimas de “Um Atento Guardião da Moral”, ou em ser conivente, calando-se diante da punição, uma vez aplicada a pena da demissão, surge o espaço para se redimensionar o acontecido, uma nova culminância através da partida dos protagonistas e a certeza que seus ex-colegas tinham da própria infelicidade é uma prova da intolerância e mediocridade social quanto à opção pelo surgimento de novas identidades por meio dos sujeitos punidos. Ao mesmo tempo, seus juízes se tornavam vítimas de sua prisão. “Ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram” (ABREU, 2005, p.140).

Quanto à contextualização, o conto foi escrito durante a ditadura militar, porém, publicado no período de abertura política brasileira e *Morangos mofados* é o reflexo do autor sobre o projeto da contracultura de sua geração. A obra é a busca dessa saída que o autor gaúcho compôs dividindo-a em três partes (O mofo, que traz as restrições, o ranço e o medo do período militar; Os morangos, que misturam o frescor e o tom amargo de mofo através do desgaste, o doce e

azedo dos morangos maduros; e Morangos mofados, que nomeia o livro e traduz a esperança de um novo projeto na parte final da obra). ‘Aqueles dois’ é o último conto da segunda parte da obra, em que metaforicamente, os protagonistas podem ser reconhecidos como os morangos da epígrafe, trazendo o viço e a jovialidade de dois homens entre 31 e 29 anos, que mesmo com experiências distintas, realidades diferentes e vivências anteriores não perderam a vontade de se redescobrirem e buscarem novos caminhos. Vindos um do Norte e um do Sul tinham as mesmas expectativas numa cidade onde ninguém se conhecia de verdade, e a única perspectiva era profissional. No entanto, com o frescor dos morangos vem a delicada doçura do fruto através do despreparo e da incompreensão das emoções, de que mesmo [...] “sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto” (ABREU, 2005, p.132). Já o acre e azedume da mordida vieram com a exclusão dos colegas de trabalho, os cochichados das moças e os olhares de repúdio e reprovação dos funcionários da repartição, além de algumas piadas enigmáticas, porém nada foi percebido pelos protagonistas, que inocentemente continuavam se aproximando e descobrindo



particularidades um do outro e até mesmo afinidades, apesar de tão diferentes.

O desenrolar da narrativa ocorre simultaneamente com a construção do relacionamento homoafetivo entre Raul e Saul, constatando-se através de elementos fornecidos pelo narrador, em que as personagens não possuíam trejeitos estereotipados, esperados pela sociedade e até mesmo por uma parcela dos leitores; pelo contrário, segundo Giddens (1993), na atualidade, a sexualidade tem sido descoberta e revelada, propiciando o desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. De fato, Raul e Saul não buscam assumir em nenhum momento da narrativa um sexo socialmente taxado como homo ou heterossexual.

Embora o texto em alguns momentos revele uma grande tensão entre os dois, as personagens mantêm-se distantes sexualmente, mesmo nos momentos de maior intimidade. No entanto, a sociedade que reprime qualquer conduta desviante da norma heterossexualista, associa um vínculo entre eles a uma conduta efeminada e reprovável, classificando a relação entre eles como anormal, desavergonhada, doentia e de psicologia deformada, sendo eles friamente demitidos, sofrendo assédio moral no ambiente de trabalho. Em nenhum momento as personagens vão reivindicar seus direitos civis, ante

os colegas de trabalho, uma relação sexual ou uma conduta desviante, entretanto, a negativa de tais posturas não é suficiente para que a dupla sofra a punição infligida com a demissão, que reflete o castigo da sociedade para o desvio da norma heterossexualista. A obra de Caio Fernando Abreu não se limita a representar literariamente o contexto repressivo brasileiro, como uma denúncia do imperativo heterossexualista, como também realiza uma análise mais aprofundada, e nos permite verificar que o escritor gaúcho não só denuncia a arbitrariedade desse imperativo como busca, por meio da literatura, abrir caminhos de ruptura da norma sexual, através das próprias aberturas deixadas no conto. Os protagonistas não buscam, nem tentam criar ou assumir na narrativa um relacionamento homo ou heterossexual, pois sequer têm consciência clara a este respeito. O autor nem menciona as palavras: homossexual e heterossexual.

O narrador contrapõe certa ignorância dos protagonistas em vista da experiência homoerótica, do mesmo modo que sugere que eles reconhecem o tabu social para as expressões afetivas e eróticas para sujeitos do mesmo sexo (NETO, 2009). Saul e Raul percebem claramente que a cidade não é o lugar onde a vida pode se realizar



plenamente, em razão de outras formas de existência terem sido banalizadas pela frieza das metrópoles e suas relações efêmeras, pois, “eles não tinham ninguém naquela cidade [...] a não ser a si próprios” (ABREU, 2005, p. 133).

Outra questão que o conto traz para discussão é o das regras que norteiam a vida do trabalho. A repartição, descrita no conto, assemelha-se a *um deserto de almas*, do qual os protagonistas são excluídos, afinal “num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra” (ABREU, 2005, p. 133). A constatação imediata de que são especiais ou diferentes, e por isso a existência de algo comum que os aproxima, representa uma forma de reconhecimento recíproco no primeiro segundo do primeiro minuto em que se viram, pois para eles, “a verdade é que não havia mais ninguém em volta” (ABREU, 2005, p. 132). No entanto, o conto explicita a hipocrisia e o impasse daqueles que não sabem dar nome às emoções, nem entendê-las, como resposta ao preconceito e à discriminação existentes e internalizados nas pessoas. Isso é reflexo do momento em que o conto veio a público e a realidade social no Brasil ainda não comportava uma aceitação ou visibilidade das relações homoafetivas.

Para Neto (2012) a amizade entre Saul e Raul, revestida de componentes homoafetivos e homoeróticos, vai se revelando para ambos e para a repartição de trabalho. O narrador relata, com precisão, a descoberta de algo para além da amizade meramente masculina, percebida antes pelos colegas de trabalho do que pelos próprios envolvidos. O narrador coloca o leitor sob a perspectiva do casal, arremessando o incômodo e a inconformação do ambiente de trabalho para o pano de fundo da história; o leitor acaba antevendo o andamento das situações, e ficando a favor deles, pois é uma estratégia político-estética. A intensificação da experimentação da amizade entre os dois os afasta dos demais, fazendo-os estreitar a relação homoafetiva, por meio de confidências sobre os relacionamentos anteriores desfeitos, concordando que foram passos incertos e afirmando que estavam cansados das tramas e das exigências das mulheres, e “que gostavam de estar assim, [...], sós, donos de suas próprias vidas” (ABREU, 2005, p. 136), porém, inseguros e ainda incertos sobre o que fazer com elas. Para Ortega (2000), a amizade prepara o caminho para a criação e experimentação de formas possíveis de vida para além de modelos, sem prescrever um modo de



existência como correto, sem proibições.

Conclusões: A aproximação entre os dois protagonistas e o desinteresse pelas mulheres permite uma interpretação da amizade entre homens como um vínculo de conotação sexual, baseado no preconceito e na homofobia social.

Caio Fernando Abreu demonstra de forma simples, mas poética, que o ser humano precisa se relacionar, mesmo sem entender o que está acontecendo consigo mesmo. E que nós todos deveríamos ser mais atentos com o outro, ou seja, respeitar a alteridade, nos colocando no lugar do outro. Neste sentido, a literatura nos ajuda a pensar e viver melhor, pois recoloca em nossas vidas a complexidade humana, que não havíamos visto, por estar em nós mesmos, observando com outros olhares e desmistificando estereótipos através da diversidade das relações humanas, sejam elas homoeróticas, homoafetivas, simplesmente de amizade ou não.

O conto reflete também o contexto político de exceção pelo qual passava o país, momento de grande perseguição, sofrimento e desconfiança entre as pessoas, principalmente no ambiente de trabalho, devido à repressão desenfreada e a ditadura militar.

Agradecimentos: Ao Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica - NUPIC da Faculdade Frassinetti do Recife -

FAFIRE pela oportunidade e apoio no desenvolvimento dessa pesquisa e ao colega Gustavo Soares pela participação na construção do projeto que originou a pesquisa.

Referências: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: Estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo – Nietzsche, Freud e Marx – TheatrumPhilosoficum**. São Paulo: Landy, 2000.

GIDDENS, Anthony. Experiências do cotidiano, relacionamentos, sexualidade. In: **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

LIMA, Marcos Hidemi de. Quando eles se amam: homoerotismo nos contos de Caio Fernando Abreu e Waldir Leite. **Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. Londrina: Travessias, Ed. 03, UNIOESTE, p. 1-8, 2007.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

NASCIMENTO, Cyro. A narrativa de Caio Fernando Abreu e a configuração de um campo homoerótico nas artes brasileiras. **Revista de Literatura, História e Memória**. Cascavel: UNIOESTE, v. 10, n. 15, p. 35-44, 2014.

NETO, José Mariano. **A cidade em “Aqueles dois”: reverberações do desejo homoerótico masculino em Caio Fernando Abreu**. In: Anais do SILEL. V. 1. Uberlândia: EDUFU, p. 1-6. 2009.

NETO, José Mariano. Os afetos masculinos em Caio Fernando Abreu.

Fazendo gênero, Volume 9, p. 1-17, 2012.

OLIVEIRA, Patrícia de; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Entre morangos e mofos: figurações do homoerotismo em Caio Fernando Abreu**. In: VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica. Campo Mourão, PR. p. 1-15. 2012.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.